

13

190

152

1640

266

Descoberto contrabando de mogno em reserva indígena

Apesar da proibição, os índios caiapós, no Pará, voltaram a comercializar as toras de madeira

REDENÇÃO, PA — Cerca de 40 mil metros cúbicos de mogno contrabandeados foram descobertos ontem de manhã perto da aldeia Krokaimoro, na reserva caiapó de Menkragnotire, em Redenção, Sul do Pará, por agentes da Polícia Federal, da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Os índios foram avisados pelos madeireiros e interditarão com tratores, caminhões e galões de combustível a pista de pouso clandestina aberta na margem esquerda do Rio Xingu. A interdição da pista impediu que a PF fizesse o flagrante do contrabando.

O chefe do Departamento de Patrimônio Indígena da Funai, Odenir Pinto, temendo um conflito com os índios, orientou os agentes a se deslocarem para São Félix do Xingu, a 150 quilômetros da reserva, e discutir uma saída. A Funai pretende apreender a madeira durante a descida pelo rio. A única forma de escoamento do mogno contrabandeado é pelo

Rio Xingu. O posto fixo da PF em São Félix vai apreender todos os carregamentos que chegarem à cidade.

A Funai ainda não identificou os madeireiros envolvidos com a extração do mogno, apesar de ter conhecimento da operação desde o último dia 12. A Funai vai recorrer à Procuradoria-Geral da República para a abertura de processo sobre o contrabando da madeira, um dos maiores da história do País.

Em 93, 11 mil metros cúbicos de mogno também foram apreendidos nas terras dos índios caiapós. O responsável pelo contrabando foi o madeireiro Osmar Ferreira, que responde a inquérito na Polícia Federal. Dois meses depois dessa apreensão, não havia mais nada no depósito onde os 11 mil metros foram guardados. Uma sindicância interna no Ibama apura o sumiço da madeira negra. Nada foi descoberto até ontem. Cada metro cúbico de mogno vale, para o índio caiapó, R\$ 40. No mercado externo, o metro custa R\$ 850.

OPERAÇÃO MADEIRA

Índios pressionam Funai de Rondônia

PORTO VELHO — Um grupo de cerca de 150 índios armados tentou invadir ontem à tarde a sede da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Vilhena (RO), a 750 quilômetros de Porto Velho. Eles protestam contra a Operação Madeira, que está sendo feita pela fundação juntamente com o Ibama e a Polícia Federal, na divisa de Rondônia com o de Mato Grosso. Pintados para a guerra, os índios da tribo Mamandê (um subgrupo do povo nambikwara), ameaçaram incendiar o prédio da Funai, argumentando que o órgão não vem atendendo às suas reivindicações e "impedindo a comercialização da madeira, principal fonte de renda para garantir a nossa sobrevivência". Devido à ameaça, os funcionários da Funai acionaram as polícias Civil, Militar e Federal para evitar um confronto direto.

A operação, que está sendo feita desde julho, já apreendeu vários caminhões, máquinas e outros equipamentos, além de prender madeireiros e peões que atuam na extração ilegal de madeiras da reserva indígena. De acordo com o diretor da Funai em Vilhena, Almir Von Held, os madeireiros vivem instigando os índios para agirem de forma hostil. Ele considera um espólio contra o patrimônio público a exploração da

madeira naquela área. "Há uma tentativa dos madeireiros em alijarem os índios, oferecendo bagatelas em troca da madeira, que é tida como ouro verde", destaca Von Held. Ele diz que não considera beligerante a ação dos índios e acredita que o conflito possa ser resolvido, mas destaca que a operação não tem data certa para terminar.

O cacique Jabau, que é contrário à apreensão das máquinas e do mogno que foi retirado da reserva, disse que sua tribo permanecerá em pé de guerra. "Enquanto a Funai não nos der permissão para que nos possamos comercializar a madeira, não vamos desistir de nossas intenções". Porém, ele diz estar desacreditado na direção da fundação e denunciou o abandono em relação à sua tribo. "Nosso povo está sendo muito explorado por alguns madeireiros sem escrúpulos, que nos enganam e levam toda madeira de lei a troco de pequenas quantias em dinheiro e bebidas", desabafa.

Para evitar novas agressões, agentes policiais, principalmente da Federal, têm estado de prontidão em frente à sede da Funai em Vilhena. Até a última fiscalização, a Operação Madeira havia apreendido tratores, pás carregadeiras, caminhões e armas de fogo.

10